

O LADO CERTO DA HISTÓRIA

Cap. de Amostra

Cap. de Amostra

OUTRAS OBRAS DE BEN SHAPIRO

*Bullies: How the Left's Culture of Fear
and Intimidation Silences Americans*

Brainwashed: How Universities Indoctrinate America's Youth

*The People vs. Barack Obama: The Criminal Case
Against the Obama Administration*

Cap. de Amostra

O LADO CERTO DA HISTÓRIA



*Como a Razão e o Propósito Moral
Tornaram o Ocidente Grande*

BEN SHAPIRO



Alta Cult
— Editora —

Rio de Janeiro, 2019

Cap. de Amostra

Para meus pais, que me mostraram
que a vida tem uma causa.

Para minha esposa, que me mostrou
que a vida tem sentido.

Para meus filhos, que me mostraram
que a vida tem um propósito.

Cap. de Amostra

Cap. de Amostra

SOBRE O AUTOR

Ben Shapiro é editor-chefe do *Daily Wire* e apresentador do *The Ben Shapiro Show*, o principal podcast conservador e um dos programas de rádio em maior ascensão nos Estados Unidos. Autor best-seller do *New York Times*, Shapiro é graduado pela Harvard Law School e um dos palestrantes universitários mais cotados do país.

Cap. de Amostra

AGRADECIMENTOS

Este livro é o resultado de muitos anos de reflexão e diálogo sobre questões complexas. Todas essas conversas, debates e discussões influenciaram minhas concepções — então gostaria de agradecer a todos os meus amigos e a todos os opositores por me ajudarem a desenvolver essas ideias. Como sempre, todas as falhas ou erros são meus, e apenas meus.

Agradeço ao meu melhor amigo, Jeremy Boreing, um herói anônimo do movimento conservador, que é meu parceiro nos negócios e nas trincheiras políticas. Não consigo imaginar nenhuma outra pessoa com quem prefira encarar uma batalha ideológica. Fazer isso todos os dias é uma honra e um prazer.

Agradeço a Caleb Robinson, CEO da Forward Publishing, que direciona as decisões com dignidade e pragmatismo. É raro encontrar um homem tão dedicado a uma causa. Tenho orgulho de trabalhar com ele.

Agradeço a Eric Nelson, editor deste livro, que fez um trabalho hercúleo ao revisar várias vezes o material, e que me direcionou de volta para a realidade — pelo menos, o quanto conseguiu.

Agradeço a Frank Breeden, meu agente, que entendeu que este era um projeto movido por paixão e soube incentivar os dois.

Agradeço a todos os respeitadores colegas e pensadores que leram o manuscrito e contribuíram com seu aprimoramento a cada passo da jornada. São eles: Yoram Hazony, Yuval Levin, Matthew Continetti, John Podhoretz, Andrew Klavan, o execrável Michael Knowles, Rabbi David Wolpe, Eric Weinstein, David French, Dana Perino e meu amigo e parceiro de estudos talmúdicos, Rabbi Moshe Samuels. A generosidade de todos vocês é infinita.

Agradeço a todas as pessoas incríveis com quem trabalho, todos os dias, na Daily Wire; dos escritores e editores aos produtores. Eu não conseguiria fazer o que faço sem seu apoio incomensurável — e eles têm minha mais profunda gratidão.

Agradeço aos nossos parceiros de conteúdo da Westwood One, pioneiros na abordagem ao podcast e ao programa de rádio.

Agradeço aos nossos parceiros da Young America's Foundation, que colaboram com a difusão da nossa mensagem para milhares de jovens nos campi universitários de todos os Estados Unidos.

Agradeço aos distribuidores do Creators Syndicate, e aos editores da *National Review* e aos da *Newsweek*, que fazem com que eu alcance leitores de uma ampla gama de filiações políticas e culturais.

Acima de tudo, agradeço a todos os ouvintes, espectadores, leitores e seguidores nas mídias sociais: vocês me inspiram a ser melhor todos os dias, e quero ser tão bom quanto esperam.

Por fim, agradeço a Deus, Criador do Céu e da Terra, Mestre do sentido e propósito, e Pai Benevolente da liberdade humana.

Muito obrigado.

SUMÁRIO

SOBRE O AUTOR.....	ix
AGRADECIMENTOS.....	xi
INTRODUÇÃO.....	xv
CAPÍTULO 1: A PROCURA DA FELICIDADE.....	1
CAPÍTULO 2: DO TOPO DA MONTANHA.....	19
CAPÍTULO 3: DO PÓ VIEMOS.....	39
CAPÍTULO 4: UNIÃO IMPROVÁVEL.....	55
CAPÍTULO 5: DOTADOS PELO CRIADOR.....	73
CAPÍTULO 6: MORTE AO PROPÓSITO, MORTE À PREDISPOSIÇÃO.....	95
CAPÍTULO 7: A REFORMULAÇÃO DO MUNDO.....	117
CAPÍTULO 8: DEPOIS DA TEMPESTADE.....	153
CAPÍTULO 9: O RETORNO AO PAGANISMO.....	177
CONCLUSÃO: COMO CONSTRUIR.....	205
NOTAS.....	213
ÍNDICE.....	233

Cap. de Amostra

INTRODUÇÃO

Este livro aborda dois mistérios.

O primeiro: Por que a vida é tão boa?

O segundo: Por que nós estragamos tudo?

Os seres humanos viveram milhares de anos em extrema pobreza, sob condições de subsistência, em constante ameaça de perigo físico infligido tanto pela natureza quanto pelos seus semelhantes. Em quase toda a história humana, a vida tem sido perversa, brutal e curta. Em 1900, nos Estados Unidos, cerca de 10% de todos os bebês morreram antes de completar o primeiro aniversário; em outros países, o número foi muito maior. Era esperado que aproximadamente uma em cada cem mães morresse no parto.

No entanto, hoje vivemos em uma era em que o padrão é sobreviver à gravidez e ao parto (a taxa de mortalidade caiu 99%).¹ Estima-se que os bebês sobrevivam à infância e tenham mais oito décadas. Vivemos em uma época em que a maior parte da população norte-americana vive em lugares com temperatura amena, artificialmente

controlada, abastecidos de alimentos, um carro e, pelo menos, uma televisão. Falamos uns com os outros instantaneamente, a despeito dos milhares de quilômetros de distância, achamos e reunimos informações ao tocar poucas teclas, transferimos dinheiro para qualquer parte do globo sem problemas e compramos produtos fabricados em inúmeros lugares, por centavos, sem sair de nossas casas.

E, então, há nossa liberdade. Podemos supor que um bebê nascido nos Estados Unidos nunca será escravizado, assassinado nem torturado; que um adulto cumprirá sua rotina de trabalho sem ter medo de ser preso por adotar um ponto de vista impopular, adorar o deus errado ou nenhum. Não há restrições que impeçam certas raças ou gêneros de realizarem trabalhos específicos; nenhuma lei ou análogo destinado a privilegiar um endogrupo biológico ou religioso particular em detrimento de qualquer exogrupo. Podemos viver com quem escolhermos, ter quantos filhos quisermos e começar qualquer empreendimento que acharmos adequado. Podemos ter esperanças de morrer mais ricos do que nascemos.

Não vivemos em um mundo perfeito, mas vivemos no melhor que já existiu. Então, o primeiro mistério é este: Como tudo isso aconteceu? O que mudou?

Depois, há a segunda pergunta, a mais importante: Por que estamos jogando tudo isso fora?

Estamos nos matando em taxas mais altas do que aconteceu em décadas. As taxas de casos de depressão dispararam. As overdoses de drogas matam mais do que os acidentes de carro. As taxas de casamento caíram, como as de gravidez. Gastamos mais dinheiro com superficialidades e usufruímos menos de todas as coisas. As teorias da conspiração substituíram a razão; e as percepções subjetivas, a observação

objetiva. Fatos foram soterrados para dar espaço a sentimentos; soluções mágicas e benefícios egoístas assumiram o lugar da lógica.

Estamos mais divididos do que em qualquer momento que o passado recente registra. No dia da eleição de 2016, as pesquisas mostraram que 43% dos eleitores tinham uma opinião favorável sobre Hillary Clinton; 38%, sobre Donald Trump. Enquanto 36% julgavam que Hillary era honesta e confiável, 33% pensavam o mesmo de Trump. Houve 53% dos norte-americanos que expressaram preocupação ou medo se Clinton ganhasse; 57%, se fosse Trump. Nunca dois candidatos tão impopulares haviam concorrido na mesma eleição.²

Eles ainda ganharam milhões de votos de apoio. E não parou por aí — as pessoas que se sentiam desconfortáveis com o candidato opo- nente atacavam seus entusiastas de forma ferina; elas romperam ami- zades com os que não compartilhavam da mesma opinião política. Em julho de 2017, a Pew Research descobriu que 47% dos democratas liberais autodeclarados disseram que teriam dificuldades em manter amizade com eleitores de Trump; 13% dos conservadores disseram o mesmo, mas é difícil precisar se esses números se inverteriam caso Trump tivesse perdido. Também vale ressaltar que 47% dos eleito- res de Clinton disseram que não tinham nenhum amigo próximo que votasse em Trump. Uma estatística mais reveladora: 68% dos demo- cratas disseram que era “estressante e frustrante” conversar com opo- nentes políticos; 52% dos republicanos concordaram.³

O que está acontecendo é mais complexo do que diferenças políti- cas. Praticamente toda a confiança nas principais instituições ruiu. As pesquisas do Gallup [uma espécie de IBOPE dos EUA] indicam que o nível de confiança geral que os norte-americanos ainda depositam nas 14 instituições mais representativas do país é de apenas 32%. So-

mente 27% dos norte-americanos confiam nos bancos; 20%, nos jornais; 41% nas religiões institucionalizadas; esse número é de 19% para o governo federal, como um todo, e de 39% para o sistema de saúde.⁴ Somente 30% dos norte-americanos confiam nas escolas públicas; 18%, nas grandes empresas e 9%, no Congresso.⁵ Ainda confiamos em nossa política, mas esses números caíram na última década, particularmente entre os democratas.⁶ A única instituição em que parecemos realmente confiar é o exército — o que é justificável, já que ele é responsável pela nossa defesa.⁷

Também não confiamos uns nos outros. Segundo uma pesquisa de 2015, apenas 52% dos norte-americanos disseram confiar em todos ou na maioria dos vizinhos; a resposta dos negros e dos hispânicos foi de 31% e 27%, respectivamente. Somente 46% dos norte-americanos relataram confraternizar com os vizinhos uma vez por mês, em comparação com os 61% que tinham esse hábito em 1974.⁸ Em 2016, outro levantamento indicou que somente 31% dos norte-americanos acreditavam que “a maioria das pessoas é confiável”.

E cada vez menos pessoas se sentem satisfeitas com a democracia. Uma pesquisa de outubro de 2016 mostrou que 40% dos norte-americanos disseram “ter perdido a fé na democracia”, com outros 6% declarando que nunca nem chegaram a acreditar nela. Não surpreende que apenas 31% dos entrevistados tenham dito que aceitariam “de cabeça baixa” os resultados da eleição se seu candidato a perdesse. E 80% disseram que o país estava dividido — *mais do que nunca*.⁹ Um lembrete: houve uma guerra civil em grande escala nos Estados Unidos, fora as leis de Jim Crow e o terrorismo doméstico da década de 1960.

Essa cisão brutal se alastra por todos os aspectos da malha social: não conseguimos assistir ao futebol sem debater os méritos de se protestar durante o hino nacional, assistir à televisão sem cair em debates sobre a sub-representação feminina nem ir à igreja sem discutir voto. Lutamos cada vez mais agressiva e veementemente por questões ínfimas — quanto mais frívolo é o assunto, mais intensas são as batalhas.

O que aconteceu com o mundo?

Existem algumas hipóteses muito em voga.

Há os que culpam a expressiva desigualdade econômica pela atual desintegração política e social. Muitos críticos e políticos argumentam que a desigualdade de renda gerou um conflito inédito na vida norte-americana. Defendem que muitos norte-americanos se sentem deixados para trás pela nova economia globalizada e que tanto o leve protecionismo quanto o redistribucionismo curarão essas feridas. Eles assumem que o 1% supera os 99%; que os norte-americanos urbanos ultrapassam os rurais; que os empregos de colarinho branco excedem os de colarinho azul.

Esse reducionismo econômico parece deslocado. A classe média alta dos Estados Unidos cresceu de 12%, em 1979, para 30%, a partir de 2014.¹⁰ No entanto, a mobilidade de renda não muda significativamente desde 1970.¹¹ Os Estados Unidos passaram por tempos econômicos piores — quando este livro foi escrito, a taxa de desemprego era de 4%, com ganhos recordes no mercado de ações. Nem a Grande Depressão nos segregou da forma que hoje estamos — e a economia tem crescido constantemente desde 2009. A mudança econômica tornou-se uma força frequente na vida norte-americana, com uma tendência ascendente de longo prazo de abranger todos os locais. A dife-

rença está em nossa divisão social, não em nossas carteiras. E quanto à raça? Nessa perspectiva, os conflitos políticos são um substituto das feridas raciais mais latentes, que se reabriram nos últimos anos.

Essa opinião é sustentada de modo muito passional por Ta-Nehisi Coates, que sugeriu que Barack Obama era a melhor e última esperança dos negros norte-americanos (“um defensor das fantasias, sonhos e oportunidades para os negros”¹²) e que a presidência de Donald Trump representa a vingança dos brancos. “Para Trump, a branquidade não é imaginária nem simbólica, mas o cerne de seu poder”, escreveu Coates recentemente. “Nisso, Trump não está sozinho. Mas, enquanto seus antepassados carregavam a branquidade como um amuleto ancestral, Trump o abriu, liberando seus poderes sobrenaturais.”¹³ Os norte-americanos negros, defende Coates, “foram lançados em uma corrida em que o vento está sempre soprando em suas faces, e os cães estão em seus calcanhares. O sequestro da vida negra foi uma prática que se enraizou na infância deste país e tem sido ratificada por toda a sua história. Assim, ele se tornou também herança, mentalidade, sentimento e um cenário-padrão para o qual, talvez até o fim de nossos dias, invariavelmente voltaremos”.¹⁴

Esse cenário negativo que Coates enxerga é uma cortesia do movimento racista da direita alternativa, que acata sua caracterização da política norte-americana, mas a entende de forma diametralmente oposta: um país dominado por políticas de identidade de minorias raciais. A direita alternativa *ama* essa caracterização que Coates faz da parcela branca dos Estados Unidos como todo-poderosa; como Richard Spencer disse à *New York Times Magazine*, em colaboração com Thomas Chatterton Williams: “É por isso que estou extremamente confiante, porque esses esquerdistas são os mais fáceis de

chutar.”¹⁵ Mais do que isso, a direita alternativa entende que o mundo é uma grande guerra racial — que espera um dia, finalmente, vencer.

No entanto, a discriminação racial não explica a atual crise em que vivemos. Os conflagracionistas raciais sempre existiram nos Estados Unidos. Este ainda é o país que enfrentou a escravidão e as leis de Jim Crow. Será que a questão racial se agravou assim desde então?

Na verdade, estamos mais igualitários do ponto de vista racial do que nunca em nossa história — mais do que qualquer outra sociedade na história humana. Em 1958, apenas 4% dos norte-americanos aprovavam o casamento entre brancos e negros; a partir de 2013, esse número era de 87%.¹⁶ Naquele ano, 72% dos norte-americanos brancos viam relações inter-raciais com bons olhos, e 66% dos negros; essa estatística permaneceu relativamente estável de 2001 a 2013. E, no entanto, nossas batalhas raciais são agora sangrentas e brutais, com um tribalismo renovado de todos os lados; em julho de 2016, 53% dos norte-americanos julgavam bem as relações inter-raciais, contra 46%.¹⁷ Há, de fato, algo desintegrando-se, mas é difícil atribuir a culpa ao ressurgimento do sentimento racista.

Um terceiro argumento popular para explicar a fragmentação nacional acusa a tecnologia. As mídias sociais, dizem, têm-nos segregado mais do que nunca. Nós nos escondemos em nossas bolhas, só falamos com quem concordamos. Seguimos aqueles de que gostamos; cada vez menos frequentamos reuniões sociais. Se nos sentamos em nossas salas de estar e nos evitamos, e interagimos apenas para sustentar nossas noções preconcebidas, é menos provável que vejamos aqueles de que discordamos como iguais. Mosta-fa El-Bermawy, da Wired.com, defende: “Do feed do seu Facebook à pesquisa do Google, à medida que sua interação digital se amplia e se personaliza, as

ilhas da internet se segregam e se mantêm à prova de som. Sem nos darmos conta, desenvolvemos uma espécie de visão em túnel.”¹⁸

Essa é uma teoria interessante. Mas, segundo os pesquisadores, não há muitas evidências que a respaldem. Segundo os professores de economia de Stanford e de Brown, a polarização política ocorre mais para “grupos demográficos menos propensos a usarem a internet e as mídias sociais”.¹⁹ A polarização parece cruzar fronteiras demográficas, sem se relacionar ao nível de uso das tecnologias.²⁰

Por último, há a hipótese mais simples de todas: por algum motivo, a natureza humana retrocedeu. Somos naturalmente tribais, naturalmente possessivos, naturalmente irados. Por um tempo, suprimimos esses instintos, e chamamos a essa repressão de “Iluminismo”. Jonah Goldberg, em seu magistral *Suicide of the West* [“Suicídio do Ocidente”, em tradução livre], chama a essa derrocada do instinto humano de “O Milagre”.²¹ Steven Pinker, autor de *O Novo Iluminismo*, defende uma ideia parecida: segundo ele, o Iluminismo mudou tudo — gerou ciência e humanismo, razão e progresso. O pensamento iluminista substituiu a irracionalidade pela racionalidade, e o efeito foi a criação do mundo moderno.²² Goldberg, sustentando a ideia de que os ideais do Iluminismo são antinaturais, diz que nossa atual degradação parece uma reversão a nossa natureza tribal e reacionária. Pinker concorda.

Entretanto, essa proposta não explica por que precisamente, antes de tudo, a modernidade irrompeu — se a natureza humana extirpa o liberalismo, o capitalismo, o humanismo e a ciência, por que os levou a florescer? Mais importante, não explica por que estamos derrubando essas poderosas forças *só agora*, em detrimento de qualquer outro momento nos últimos dois séculos.

Acredito que ambas as questões estão intimamente relacionadas. Este livro argumenta que a civilização ocidental, incluindo as noções modernas de valores, razão e ciência, foi construída sobre profundas estruturas. E também argumenta que estamos jogando fora o que há de melhor em nossa civilização porque esquecemos que elas existem.

Então, de onde surgiram as ideias para este livro? Da minha percepção — amplamente refletida, creio eu — de que estamos segregando-nos. Essa constatação me ocorreu em um momento preciso: 25 de fevereiro de 2016.

No final de 2015, comecei uma série de palestras em campi universitários, indo primeiro à Universidade do Missouri. Esse campus pipocou nos noticiários nacionais após o movimento ativista Black Lives Matter protestar contra a administração; o time de futebol se negou a entrar em campo para um jogo programado, apesar da reação excessivamente cuidadosa da administração a relatos vagos de incidentes racistas isolados, alguns dos quais completamente infundados. Os estudantes que protestavam declararam greve de fome, armaram acampamento e vetaram a presença de jornalistas. A professora Melissa Click, sem nenhum pudor, pediu que batessem em um repórter estudantil que tentava cobrir o evento.

Proferi uma palestra para os estudantes do campus — que foi assistida online meio milhão de vezes em uma semana; defendi a ideia de que todas as pessoas de bom coração querem combater o racismo, mas que acusações vagas de racismo institucional e privilégio branco diluem os problemas reais — e difamam o país, como um todo. Palestrei sem equipe de segurança. Tudo correu bem, apesar de uma

tentativa de acionamento do alarme de incêndio, e os alunos fizeram fila para uma sessão de perguntas e respostas bastante heterogênea.

Apenas três meses depois, a ficha caiu.

Eu tinha uma palestra marcada para o grupo da Young America's Foundation, na Universidade do Estado da Califórnia, em Los Angeles. Duas semanas antes, começamos a ouvir rumores sobre protestos. Na semana anterior, o reitor anunciou que o evento fora cancelado. Eu me recusei a concordar com essa clara violação dos direitos assegurados pela Primeira Emenda — afinal, meus impostos de contribuinte já estavam no sistema da universidade — e avisei que iria assim mesmo.

Meu sócio, Jeremy Boreing, insistiu em levar uma equipe de segurança, mas eu não via necessidade. Afinal, nunca precisei de segurança para evento algum. Não era a Batalha de Faluja. Era um grande campus universitário no meio da minha cidade natal.

Só por precaução, Jeremy contratou os seguranças.

Graças a Deus eu o escutei.

No dia do evento, nossa equipe de segurança começou a ouvir rumores de que a violência estava próxima. Uma hora antes do evento, o reitor recuou e avisou que a polícia resguardaria a palestra.

Ao nos aproximarmos do campus, vimos helicópteros sobrevoando a área.

Entramos por um estacionamento atrás do auditório, e logo dezenas de policiais armados e uniformizados formaram um cordão de isolamento e me empurraram subitamente pela porta dos fundos. Fiquei intrigado, mais do que qualquer outra coisa.

As precauções de segurança não pararam por aí. Nos bastidores, havia mais uma penca de policiais.

Centenas de manifestantes lotavam o corredor do lado de fora do auditório e bloquearam todas as entradas. Alguns desordeiros agrediam os estudantes que queriam entrar; a polícia ficou de tocaia, mas só conseguia conter dois por vez. Encostei o ouvido na porta do auditório; parecia haver um apocalipse zumbi do outro lado. Os membros do departamento de polícia disseram que a administração os orientou a desistir e deixar que os manifestantes fizessem o que desejassem.

A polícia nos deu duas opções: esperar duas horas, enquanto eles enchessem a sala, ou prosseguir com a palestra. Decidimos ir em frente, apesar do auditório quase vazio e da baderna logo do outro lado da porta.

No decorrer da palestra, os alunos acionaram o alarme de incêndio; as luzes se apagaram e o barulho foi ensurdecedor. Os estudantes do lado de fora continuaram esmurrando as portas. No meio da discórdia, deixei claro que os detratores não nos impediriam de exercer nosso direito de liberdade de expressão.

Quando terminei, perguntei aos espectadores — a essa altura, eu estava com a corda toda — se eles queriam sair e se misturar aos manifestantes. Eles responderam que sim — ao que a equipe de segurança e a polícia me puxaram para os bastidores. “Se você sair”, alertou-me um dos policiais, “conseguiremos protegê-lo do primeiro e do segundo cara que lhe der um soco, mas não do terceiro. Além disso, não poderemos proteger todos esses alunos se o acompanharem. Você precisa deixar o campus, e manteremos todos os alunos aqui até a multidão se dispersar”.

Acatei as ordens e concordei em ser escoltado pelo campus. O cordão de policiais me retirou sorrateiramente do auditório pelos corredores e cozinhas dos fundos, conduziu-me a uma van preta com vidros escuros, e saí do campus com uma escolta policial piscando suas luzes.

Então, o que aconteceu de errado?

Posteriormente, descobri que uma professora do campus estava dizendo a seus alunos que eu era um supremacista branco, comparável a um membro da Ku Klux Klan, que eu era nazista (devo usar o yarmulke só como disfarce). Os alunos acreditaram em seus professores e sua reação foi proporcional. A palestra foi destituída de seu valor por causa de uma raiva subjetiva, que não se respaldava em fato algum.

Claro, esse foi apenas o começo. Na Universidade de Wisconsin, minha palestra quase foi suspensa por manifestantes que abarrotaram a frente do palco. Na Penn State, os manifestantes se reuniram do lado de fora da sala e socaram as portas. Na Universidade DePaul, a administração ameaçou me prender se eu fosse ao campus e convocou um xerife do condado de Cook para fazer as honras. Em Berkeley, o governo teve que convocar centenas de policiais para proteger os cidadãos honestos da fúria de desordeiros violentos.

No entanto, o circo de 2016 ainda não tinha se acabado.

Durante o período eleitoral, critiquei fortemente ambos os candidatos. Como conservador, sou crítico de longa data de Hillary Clinton. Mas também fui extremamente crítico de Donald Trump e, em função disso — e da minha ruptura pública com a *Breitbart News*, um canal que me parecia ter-se tornado um instrumento de propaganda para a campanha de Trump —, logo me vi alvejado por um novo tipo de radicalismo. No final de março, o execrável Milo Yiannopoulos

escreveu uma história floreada para a Breitbart elogiando abertamente a direita alternativa, incluindo odes a cretinos racistas como Richard Spencer. Influenciando seus seguidores da direita alternativa e fanfarronando com sua corja de embusteiros em sua “trollagem estúpida”, Milo me enviou uma foto de um bebê negro no dia do nascimento do meu filho, naquele mês de maio — a “piada” era insinuar que eu era corno manso.

No decorrer da campanha de 2016, eu me tornei o principal foco de antissemitismo entre os jornalistas judeus na internet. Por uma margem enorme. Segundo a Anti-Defamation League, organização não governamental judaica internacional, aproximadamente 19.253 tuítes antissemitas foram direcionados a jornalistas no período entre agosto de 2015 e julho de 2016. Eu recebi 7.400; 38% do total.²³

Passei a maior parte da minha vida adulta envolvido em conversas políticas públicas sem risco de violência nem insultos racistas. De repente, passei a precisar de centenas de policiais protegendo-me durante minhas palestras em vários campi, e meu feed do Twitter foi inundado com imagens diretamente das páginas do *Der Stürmer* [tabloide nazista].

Obviamente, algo havia mudado.

Aliás, algo *mudou*.

Nós perdemos alguma coisa.

Este livro representa minha tentativa de compreender o que perdemos e como podemos reencontrar.

Para descobrir o que perdemos, precisamos reconstituir os nossos passos. Este livro se pauta em ideias antigas — de pessoas das quais talvez nos lembremos vagamente, daqueles dias do ensino médio, da

faculdade e da escola dominical, mas de cuja importância vital nos esquecemos substancialmente.

Essas ideias, defendo, são cruciais. Precisamos reaprendê-las.

Isso não significa que eu acredito que os filósofos sozinhos transformaram a história. Não acho que Adam Smith tenha inventado o capitalismo, tampouco Immanuel Kant, a moralidade. Mas esses filósofos e outros pensadores são a base para compreender as ideias mais importantes de seu tempo. Tolstói notoriamente pergunta em *Guerra e Paz* o que move a história, e conclui que ela é apenas a progressão de todas as várias forças em jogo no Universo, canalizadas para a ação em um momento particular. Há muita verdade nisso, é claro. Mas as ideias importam, e ideias cruciais — como as mais bem articuladas pelos grandes pensadores — são a estrada motivacional pela qual a humanidade viaja. Acreditar é o que nos move.

Para nos consertar, precisamos avaliar aquilo em que acreditamos.

Acreditamos que a liberdade é construída sobre as noções complementares de que Deus criou todos os seres humanos à Sua imagem, e que somos capazes de desvendar e desbravar o mundo de Deus. Essas ideias se originaram em Jerusalém e em Atenas, respectivamente.

Essas noções complementares — pérolas dos mestres espirituais — estruturaram nossa civilização e a nós, enquanto indivíduos. Se você acredita que a vida não se resume a prazeres materiais e a fugir da dor, você é fruto de Jerusalém e de Atenas. Se acredita que o governo não tem o direito de se intrometer no exercício de sua vontade individual, e se sente obrigado a buscar a virtude pela força do desejo moral, você é fruto de Jerusalém e de Atenas. Se acredita que somos capazes de melhorar nosso mundo pelo uso da nossa razão, e se sente

compelido a fazê-lo por um propósito maior, você é um fruto de Jerusalém e de Atenas.

Jerusalém e Atenas construíram a ciência. Os ideais complementares de valores judaico-cristãos e a razão da lei natural grega construíram os direitos humanos. Elas construíram a prosperidade, a paz e a beleza artística. Jerusalém e Atenas construíram o Ocidente, acabaram com a escravidão, derrotaram os nazistas e os comunistas, tiraram bilhões da pobreza e ofereceram a bilhões um propósito espiritual. Jerusalém e Atenas foram os alicerces da Magna Carta e do Tratado de Vestfália; elas foram os alicerces da Declaração da Independência, da Proclamação da Emancipação de Abraham Lincoln e da Carta de Martin Luther King Jr. escrita na Cadeia de Birmingham.

As civilizações que rejeitaram Jerusalém e Atenas, e essa tensão entre elas, voltaram ao pó. A URSS rejeitou os valores judaico-cristãos e a lei natural grega, substituindo-os por valores de coletividade e uma nova visão utópica de “justiça social” — e condenaram milhões de seres humanos à fome e à morte. Os nazistas rejeitaram os valores judaico-cristãos e a lei natural grega, e trancaram crianças em câmaras de gás. A Venezuela, uma nação rica em petróleo, rejeita os valores judaico-cristãos e a lei natural grega, e seus cidadãos foram reduzidos ao ponto de terem que comer cachorros.

Nos Estados Unidos, especialmente, com nossa história singular de sucesso, temos vivenciado o progresso e a prosperidade como direito inato. Os conflitos que destroem as outras nações nos são alheios; sem dúvida, não precisamos nos preocupar com revoluções nem com colapsos. Nós somos os Estados Unidos. Nós somos únicos.

Essa visão otimista está totalmente equivocada. A luta contra a entropia nunca termina. Nosso estilo de vida nunca nos manteve a mais

de uma geração do precipício. Já vemos um grande número de nossos cidadãos perdendo a fé na liberdade de expressão, na democracia, na liberdade econômica, na ideia de uma moral ou causa comum. Esse afastamento de nossos valores começou quando, antes de qualquer coisa, perdemos a fé no caminho que nos trouxe até aqui.

Estamos a um passo de abandonar os valores judaico-cristãos e a lei natural grega em prol do subjetivismo moral e da lei da paixão. E assistimos ao colapso da civilização no tribalismo tradicional, no hedonismo individualista e no subjetivismo moral. Não se engane: a prosperidade de que desfrutamos ainda é herança de Jerusalém e de Atenas. Acreditamos que podemos rejeitar os valores judaico-cristãos e a lei natural grega e nos satisfazer com interseccionalidade, materialismo científico, políticas progressistas, governos autoritários ou com a solidariedade nacionalista. Nós não podemos. Passamos os últimos dois séculos nos afastando de nossas raízes. Nossa civilização sobreviveu e prosperou — por um tempo. Então começou a morrer, de dentro para fora. Ela está corroída pelas contradições internas, comunidades desprovidas de valores e indivíduos vazios.

As economias do Ocidente não serão aniquiladas da noite para o dia; soterrar infraestruturas capitalistas com programas socialistas não as colapsará de imediato. Mas nos vangloriamos de que podemos abandonar os valores do passado e, de alguma forma, sobreviver indefinidamente. Filosoficamente, o Ocidente tem-se arrastado há gerações. Assistimos às taxas de natalidade despencarem e aos gastos do governo dispararem — e a grandes fileiras de imigrantes, alheios aos valores ocidentais, sendo importados para preencher a lacuna, o que resulta em um retrocesso polarizador. Assistimos à política europeia se transformar em uma batalha entre socialistas de extrema-esquer-

da, que prometem utopias, e nacionalistas de extrema-direita, que prometem restauração nacional. Ambos estão fadados ao fracasso. E, embora os Estados Unidos ainda estejam mais atrás, seguem o rastro da Europa. Os laços que nos unem estão afrouxando-se.

Esses laços foram trançados a ferro e fogo, a razão e oração. A jornada para a modernidade foi longa. Essa estrada não foi sempre agradável — muitas vezes, foi violenta. A tensão entre Jerusalém e Atenas é real. Mas removê-la abandonando Jerusalém ou Atenas faz a ponte construída entre elas desmoronar.

Para fortalecer nossa civilização, devemos examinar como a ponte foi construída. A civilização ocidental precisou de 3 mil anos para chegar até aqui — podemos perder tudo em uma geração, a menos que escoremos nossas fundações. Precisamos parar de cavar e começar a reformar. Essa tarefa exige que reexaminemos essas fundações, tijolo por tijolo.

Neste livro, faremos exatamente isso. Passaremos por milhares de anos de filosofia e história, o que significa que inevitavelmente daremos aos grandes filósofos menos atenção do que merecem e simplificaremos as questões, em razão de brevidade. Este livro não lhe dirá tudo o que precisa saber sobre essas ideias e filósofos — nem de longe. Isso significa que deve buscar as ideias específicas que lhe interessarem, com pessoas mais experientes do que eu, em maiores detalhes (particularmente, restringi minhas sínteses filosóficas a pontos sobre os quais parece haver concordância geral). Mas este livro *realmente* exemplifica minha tentativa de trazer essas ideias da maneira mais acessível, em busca da sabedoria a respeito das questões essenciais sobre nossa civilização.

Bom, vamos começar pelo começo.

Cap. de Amostra

O LADO CERTO DA HISTÓRIA

Cap. de Amostra

Cap. de Amostra

CAPÍTULO 1

A PROCURA DA FELICIDADE

Você é feliz?

Foi a pergunta que minha esposa me fez alguns anos atrás. Passávamos por um período estressante — ela é médica e estava trabalhando excessivamente; nosso caçula, Gabriel, acordava-nos a noite toda; nossa filha mais velha, Leeya, estava em uma fase em que a menor provocação a fazia abrir o berreiro. E meu trabalho também estava penoso: meus sócios e eu nos esforçávamos para que nosso site, *The Daily Wire*, funcionasse a todo vapor; estávamos produzindo meu podcast; eu mantinha uma rotina de viagem a vários campi; cada um era um desafio de segurança e um teste de resistência com alunos por vezes violentos e administradores hostis.

“Claro”, falei. “Claro que sou.”

Como muitas outras pessoas que respondem a essa pergunta de um cônjuge, eu sabia que havia uma resposta correta; você nunca quer negar, para que sua esposa não pense que a culpa é dela.

Mas a questão crucial é *outra*.

Eu estava feliz?

Ou, mais precisamente, quando eu me sentia *mais* feliz?

Formulada assim, ficou fácil: no Sabá.

A cada semana, esqueço tudo por 25 horas. Como judeu ortodoxo, celebro o Sabá, o que significa que telefone e televisão ficam proibidos. Nada de trabalho. Nada de computador. Nada de notícias. Nada de política. Um dia inteiro e mais uma hora, para passar com minha esposa, filhos e pais, com minha comunidade. O mundo exterior desaparece. Esse é o apogeu da minha vida. Não há felicidade maior do que me sentar com minha esposa, ver as crianças brincando (e, de vez em quando, brigando), ter um livro aberto no meu colo.

Não estou sozinho. O Sabá é o ápice das semanas de muitos judeus. Há um velho ditado na comunidade judaica que diz: Os judeus não guardam o sábadó, é o sábadó que os guarda. Sem dúvida, é isso que preserva nossa sanidade.

Hoje, vivo da política. E isso me faz feliz — tem um propósito maior, e trabalhar com a interpretação e a transmissão de ideias é recompensador. Mas a política não é minha fonte de felicidade. Ela traça a rota que me permite *buscá-la*, não a conquistar; a política nos ajuda a estabelecer os requisitos necessários para a felicidade, não proporciona felicidade em si. Os Pais Fundadores entendiam bem essa ideia. Foi por isso que Thomas Jefferson não escreveu que o governo tinha o poder de lhe conceder a felicidade: existia para proteger sua busca. O governo existe para resguardar seus direitos, para evitar que sejam infringidos. O governo existe para impedir que alguém roube seu cavalo, mate-o enquanto dorme, destrua suas terras.

Em nenhum momento, Jefferson propôs que o governo pode conquistar a felicidade. Nenhum dos Fundadores supôs isso.

Ainda assim, cada vez mais o Ocidente busca a felicidade por meio da política. Em vez de procurarmos formas de melhorar nossas vidas olhando para dentro, decidimos que o principal obstáculo para a felicidade são forças externas, mesmo no país mais livre e rico da história mundial. Esse desejo de silenciar — e até subjugar — os que pensam diferente tem atingido novos e tenebrosos níveis.

Um pequeno exemplo, em setembro de 2017, republicanos e democratas travaram um embate pela *exata mesma política*: Obama tinha emitido uma anistia executiva para certos filhos de imigrantes ilegais, os ditos DREAMers [sonhadores]; Trump a revogou, mas pediu ao Congresso que aprovasse uma versão legislativa para protegê-los. Os democratas acusavam os republicanos de cruéis e desumanos; um congressista apelidou Trump de “Pôncio Pilatos”. Enquanto os republicanos acusavam os democratas de desregrados e levianos.

Todo esse circo sobre a *exata mesma política*.

E a briga só fica mais feia. Parecemos engajados com a premissa de que basta mudar o cenário político — ou pelo menos imputar motivos sórdidos a nossos oponentes — para alcançarmos a felicidade que tanto almejamos. Em vez de deixarmos o outro em paz, queremos controlá-lo — se Bob fizesse o que eu queria, eu seria feliz! E se eu eleger o cara certo, *ele obrigará* Bob a fazer o que eu quero!

Nossos representantes sabem que buscamos a felicidade por meio deles, e se aproveitam desse equívoco. Em 2008, Michelle Obama disse que os norte-americanos deveriam apoiar seu marido porque ele os ajudaria a “consertar suas almas”. E de que forma, exatamente? Ela explicou: “Barack Obama... pedirá que vocês abandonem o cinismo.

Que derrubem suas barreiras... Que se esforcem para ser melhores. E que vocês se engajem. Barack nunca admitirá que voltem à rotina costumeira, de desinteresse e alheamento.”¹ Em maio de 2016, o então candidato Trump declarou abertamente: “Eu lhes darei tudo. Eu lhes darei o que estão há 50 anos buscando. Eu sou o cara.”²

Somos ingênuos de acreditar neles. E, como se não bastasse, estamos *conscientes* dessa ingenuidade. As pesquisas mostram que não confiamos em nossos representantes. Achamos que eles mentem para nós, e estamos certos. Eles nos ludibriam. Eles nos iludem. Articulam promessas com o único objetivo de angariar nosso apoio, depois inventam desculpas para quebrá-las. E, no entanto, investimos neles avidamente, cada vez com mais autoridade, e intimidamos os que se opõem aos nossos candidatos favoritos.

Por que investimos tanto tempo e esforço, e consideramos a tábua da salvação essas brutais disputas políticas sobre questões ínfimas, quando nada disso nos aproxima da felicidade? Por que, de modo geral, a população parece estar cada vez menos otimista? Por que, indicam os dados, quase três quartos dos norte-americanos não se sentem confiantes de que “a vida para a geração dos filhos será melhor” — o menor número em décadas?³ Por que uma vasta pluralidade de jovens norte-americanos está mais temerosa do que esperançosa em relação ao futuro?⁴ Por que as taxas de suicídio têm subido drasticamente entre alguns dos segmentos mais prósperos da sociedade — taxas não vistas em 30 anos?⁵

Talvez o problema seja que o que procuramos não é mais a felicidade, mas outras prioridades: buscamos prazer físico, catarse emocional, estabilidade financeira. É claro que tudo isso é importante, mas não resulta em felicidade vitalícia. Na melhor das hipóteses, são

meios necessários para a procura da felicidade. Mas nós misturamos os meios com o fim. E, ao fazê-lo, condenamos nossas almas ao completo vazio.

FELICIDADE É TER PROPÓSITO MORAL

É possível sentir prazer com uma variedade de atividades: golfe, pesca, brincadeiras com seus filhos, sexo. As atividades amorais também nos podem dar prazer — aquela euforia passageira, aquela sensação de quando se esquecem de todas as preocupações. No entanto, esse prazer nunca é suficiente. Alcança-se a felicidade duradoura por meio do cultivo da alma e da mente. E, para cultivá-las, precisamos viver em prol de um propósito moral.

Isso está claro desde o início da civilização ocidental. A própria terminologia de felicidade é imbuída dessa ideia tanto no contexto judaico-cristão quanto no grego. A Bíblia hebraica chama felicidade de *simcha*; Aristóteles, de *eudaimonia*. O que a Bíblia quer dizer com *simcha*? Significa ação correta, de acordo com a vontade de Deus. Em Eclesiastes, Salomão lamenta: “Disse eu no meu coração: Ora, vem, eu te provarei com a alegria; portanto, goza o prazer; mas eis que também isso era vaidade.”⁶ A Bíblia não parece se importar muito com o que queremos. Em vez disso, Deus *nos ordena* a viver com *simcha*. Como Ele pode ordenar um sentimento? Ele não pode — só pode ordenar que busquemos com entusiasmo o ideal que Ele estabeleceu para nós. Se não perseguimos esse propósito, pagamos o preço: servimos a deuses alheios, que não nos concedem nenhum tipo de realização legítima.

Uma vez que vocês não serviram com júbilo e alegria ao Senhor, o seu Deus, na época da prosperidade, então, em meio à fome e à sede, em nudez e pobreza extrema, vocês servirão aos inimigos que o Senhor enviará contra vocês. Ele porá um jugo de ferro sobre o seu pescoço, até que os tenha destruído.⁷

Podemos não pensar em assistir compulsivamente a *Stranger Things* como um jugo de ferro no pescoço, mas, se a televisão é a razão de nossa existência, não estamos vivendo de verdade. Regozije-se no propósito que Deus lhe deu. Aqui está Salomão de novo: “Não há nada melhor para o homem do que desfrutar do seu trabalho, porque esta é a sua recompensa.”⁸ O que ele quer dizer não é encontrar seu “porquê” em uma startup de software. Ele fala sobre o trabalho de servir a Deus e segui-lo. Como o rabino Tarfon diz, em *Ética dos Pais*: “O dia é curto, o trabalho é extenso, os trabalhadores são preguiçosos, mas a recompensa é grande, e o dono da casa está batendo à porta.” E se você não quiser trabalhar? Bem, difícil: “Não é para você finalizar o trabalho, mas também não pode desistir dele.”⁹

De forma análoga, a *eudaimonia* aristotélica se pauta na ideia de viver conforme o propósito moral. Como a Bíblia, Aristóteles não define a felicidade como uma alegria passageira. Ele a entende no contexto de uma vida bem vivida. Como podemos viver bem? Primeiro, determinando o que “bem” e “bom” significam; segundo, indo atrás dessa ideia. Para Aristóteles, “bem” não é um termo subjetivo, algo para cada um definir como achar melhor; “bem” é uma declaração de fato objetivo. Algo é “bom” se cumpre seu propósito. Um bom relógio marca o tempo; um bom cão defende seu dono. O que um bom homem faz? Age de acordo com os propósitos corretos. O que torna o

ser humano único, diz Aristóteles, é a capacidade de pensar e de usar essa razão para desbravar a essência do mundo e nosso propósito nele:

Quando diremos, então, que não é feliz aquele que age conforme a virtude perfeita e está suficientemente provido de bens exteriores, não durante um período qualquer, mas através de uma vida completa?¹⁰

Aja corretamente, conforme seus valores enquanto ser racional, e será feliz. O propósito moral está em cultivar a razão e usá-la para agir de forma virtuosa; buscá-lo engrandece o espírito.

Partindo de polos opostos, a Bíblia e o filósofo chegam à mesma conclusão: a Bíblia nos ordena a servir a Deus com alegria e equipara esse propósito à felicidade; Aristóteles sugere que é impossível alcançar a felicidade sem a virtude, o que significa agir conforme um propósito que os seres humanos extraem da essência do Universo — o que ele chama de motor imóvel. George Washington sintetiza essas ideias na carta à Igreja Episcopal Protestante, de 19 de agosto de 1789: “Saber que felicidade e responsabilidade moral são inseparavelmente ligadas sempre me incentivará a promover o progresso da primeira, para repercutir na prática da última.”¹¹

Tudo isso parece uma versão mais restritiva de felicidade do que aquela a que estamos acostumados porque, de fato, é. Felicidade não é rolar na lama em Woodstock, nem um bom jogo de golfe depois de uma semana difícil no trabalho. Felicidade é a busca do propósito em nossas vidas. Se vivemos com propósito moral, até a morte se torna menos angustiante. Quando Charles Krauthammer, colunista do *Washington Post*, descobriu que sua morte era iminente, escreveu uma carta sobre a expectativa da partida. Nas palavras daquele

homem de alma grandiosa: “Acredito que a busca da verdade e de ideias corretas através de um debate honesto e de argumentos rigorosos é uma tarefa nobre [...]. Eu deixo esta vida sem arrependimentos.” Somente viver com propósito moral concede uma felicidade profunda.¹²

Como o psiquiatra austríaco Viktor Frankl escreveu em seu emocionante livro de memórias do Holocausto, *Em Busca de Sentido*: “Ai daquele que não via mais a meta diante de si em sua vida, cuja vida não tinha mais conteúdo, mas perdia o sentido de sua existência e assim todo e qualquer motivo para suportar o sofrimento. Essas pessoas perdiam a estrutura e deixavam-se cair muito cedo. [...] Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que *a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós.*”¹³

O sentimento de Frankl não é exclusivo. Segundo um estudo longitudinal de 14 anos da Universidade de Carleton, no Canadá, quem relatava um forte propósito era 15% mais propenso a permanecer vivo. Essa estatística se aplica a todos os grupos etários. Um estudo similar da University College London descobriu que aposentados com senso de propósito tinham 30% menos chances de morrer em um período de oito anos e meio. Em geral, como afirma Steve Taylor, professor da Universidade de Leeds Beckett: “Quem relatou maiores níveis de realização viveu, em média, dois anos a mais.”¹⁴ Um estudo feito com 951 pacientes com demência descobriu que os que tinham senso de propósito eram 2,4 vezes menos propensos a desenvolver Alzheimer.

Pacientes com câncer que receberam terapia “centrada no significado” em vez da “focada no apoio” eram mais motivados a viver — e até se sentiam melhor, em comparação aos outros. Um estudo com adolescentes descobriu que aqueles com maior empatia e altruísmo

tenham menor risco cardiovascular. Como o Dr. Dhruv Khullar, pesquisador do departamento de políticas e pesquisas em saúde da Weill Cornell, escreveu no *New York Times*: “Apenas cerca de um quarto dos norte-americanos endossa fortemente o senso de propósito e o significado de suas vidas, enquanto quase 40% se dizem neutros ou não se identificam. Isso é um problema social e de saúde pública.”¹⁵

Dessa forma, do que precisamos para criar o propósito moral que fundamenta a felicidade?

Entendo que precisamos de quatro elementos: propósito moral individual e coletivo; e predisposição individual e coletiva para buscá-los. Esses quatro elementos são cruciais; a única forma de fundamentar uma civilização profícua é mantê-los em um cuidadoso equilíbrio.

A NECESSIDADE DO PROPÓSITO MORAL INDIVIDUAL

Na era pré-bíblica, sua posição na estrutura social era a responsável por lhe conferir sentido. No Código de Hamurabi, considerava-se que apenas o rei fora criado à imagem de Deus; quanto mais perto estivesse do rei, mais direitos você teria.

Na Bíblia, não funciona assim. A frase principal — que retrata o começo da civilização ocidental — está em Gênesis 1:26, diz que todos fomos feitos à imagem de Deus. Todos nós, não apenas reis ou potentados. Isso significa que todos somos valiosos por natureza e que nossa missão está além de nós mesmos. Esse propósito individual se estende aos nossos relacionamentos — na verdade, o judaico-cristianismo insiste que deve ser assim. Mas a fonte de nossas relações é

nosso relacionamento com o Criador Divino, que nos dotou de valor e que insiste em que O busquemos.

Somos dotados não apenas de direitos, mas de deveres, o que nos dá propósito. E esses deveres recaem sobre nós como indivíduos, independentemente das circunstâncias sociais, graças ao nosso valor inato de criaturas feitas “um pouco menor do que os seres celestiais, e o [o homem] coroaste de glória e de honra”.¹⁶

Sem o propósito moral individual decorrente da relação com o Criador, procuramos o sentido no mundo exterior, ou nos destruimos nos baixios da libertinagem. Vivemos presos no hedonismo amoral, em um sentido não depreciativo. Nada disso parece negativo, mas, muitas vezes, é. Afinal, meus interesses são imperiosos sobre seus direitos, e o individualismo atomista tende a ganhar ares de opressão alheia justificada. Até mesmo os ateus mais convictos, no decorrer da história, reconheceram isso; Voltaire, notoriamente, declarou: “Quero que meu advogado, meu alfaiate, meus criados e até minha esposa acreditem em Deus, porque isso significa que serei enganado, roubado e traído com menos frequência [...] Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo.” Sem acreditar em nosso valor individual inato, caímos na ideia de que somos animais incapazes de buscar um propósito moral, mesmo que sintamos a necessidade de fazê-lo.

A maneira como preenchemos essa necessidade de propósito moral individual faz diferença. Ainda somos constantemente atraídos por falsos deuses. Nosso proselitismo desmedido engloba tudo, da interseccionalidade ao consumismo, do Instagram à comida orgânica, do ativismo político aos óleos essenciais. Quantos de nós realmente sentem que há algum propósito vitalício nessas distrações fugidias?

A NECESSIDADE DA PREDISPOSIÇÃO INDIVIDUAL

Saber nosso propósito moral individual e que devemos buscar a felicidade por meio da virtude não basta. Para sermos felizes, precisamos acreditar que é possível *encontrar* essa felicidade. Precisamos acreditar que somos capazes de cultivar algumas habilidades e de colocá-las em prática — que somos agentes livres e ativos de nossas vidas.

Todos os Fundadores norte-americanos eram especialistas em autoajuda. Washington, durante seus anos de formação, anotava regras de civilidade; como seu biógrafo, Richard Brookhiser escreve: “As regras tratam de questões morais, mas indiretamente. Elas procuram formar a mente do homem (ou menino) moldando o exterior.”¹⁷ Benjamin Franklin foi um notório devoto do aperfeiçoamento — até criou um calendário de virtudes, a fim de eliminar sua tendência a cometer erros (é possível comprar online cópias do calendário de Franklin).¹⁸

Precisamos acreditar que, mesmo nas circunstâncias mais terríveis, somos capazes de nos aperfeiçoar. Como Frankl escreveu sobre a vida no Holocausto: “Todos os dias, cada hora trazia a oportunidade de tomar uma decisão, que determinaria se você se submeteria àqueles poderes que ameaçavam roubá-lo de você mesmo e sua liberdade interior; que determinaria se você se tornaria ou não um brinquedo das circunstâncias, renunciando à liberdade e à dignidade para ser moldado como preso prototípico.”¹⁹

Precisamos também assumir que existimos como indivíduos significativos, não como meros agrupamentos de células. Não somos apenas bolas de carne vagando pelo Universo, aglomerados de matéria se transformando a todo momento. Somos indivíduos com identidades e responsabilidades.

Precisamos acreditar também no poder da razão — de nossa capacidade racional. Não somos apenas instintos e neurônios sendo disparados. Temos a capacidade de *refletir*. Os materialistas científicos falam constantemente sobre o poder da razão e por que ela deve rejeitar a religião. Mas a própria noção de razão — de um argumento lógico que orienta o *comportamento* — é estranha ao materialismo científico.

Se somos um conjunto de neurônios disparando e hormônios fluindo, e nada mais, por que apelar para a razão? Por que apelar para argumentos? A razão seria apenas uma ilusão, da mesma forma que o livre-arbítrio. Os neurônios disparam, o que faz com que outros neurônios disparem, gerando uma resposta de outro grupo de neurônios em outro corpo humano. É claro que negar a razão seria acabar com toda a comunicação humana, destruir nossa política, destituir o que significa ser essencialmente um ser humano. Isso acabaria com a própria ciência — como em *Moby Dick*, só podemos tirar a máscara da essência do Universo por meio de nossas habilidades cognitivas. Nós *precisamos* acreditar na razão para viver vidas produtivas.

Por fim, precisamos acreditar que estamos buscando objetivos *legítimos* — não apenas eficazes. A evolução darwiniana não deixa espaço para a verdade; só para a vantagem evolutiva. A sobrevivência do mais forte não é um princípio moral; sobrevivência em si nem é uma proposição moral. Matar bebês e comê-los não se tornaria algo moral ainda que pudessem existir vantagens nisso; assim como $2 + 2 = 5$ não se tornaria verdade. Mas nos importamos com a moral e com a verdade, e isso demanda uma suposição básica: que podemos descobri-las.

A NECESSIDADE DO PROPÓSITO MORAL COLETIVO

Somos criaturas sociais, não meramente indivíduos. Isso significa que procuramos contato e queremos-nos sentir parte de algo maior que nós mesmos. É por isso que procuramos amigos e comunidades das quais participar. Sêneca declarou: “Ninguém pode viver feliz considerando apenas a si mesmo e transformando tudo em uma questão de sua própria utilidade.”²⁰ Salomão escreveu em Eclesiastes: “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante.”²¹

As ciências sociais concordam. O sociólogo Emile Durkheim descobriu que é possível avaliar a taxa de suicídios por meio da conexão social; como Jonathan Haidt escreve: “Para prever quão feliz alguém é, ou por quanto tempo viverá (se não tiver permissão para perguntar sobre seus genes e personalidade), analise suas relações sociais. Ter fortes laços sociais fortalece o sistema imunológico, prolonga a vida (mais do que parar de fumar), acelera a recuperação de cirurgias e reduz os riscos de depressão e transtornos de ansiedade.”²² Um extenso estudo longitudinal de Harvard descobriu que o melhor preditor de felicidade no decorrer da vida é a presença de relacionamentos próximos: aos 50 anos, estar satisfeito com seus relacionamentos é um melhor preditor de saúde em longo prazo do que as taxas de colesterol.²³

Mas o que nos conecta?

Claro, há o amor romântico, que tende a ser mais profundo e companheiro; há a amizade, apreciada por Aristóteles, porque se baseia na apreciação virtuosa do valor do outro. Mas é preciso mais.

Precisamos de comunidades. Precisamos de vitalidade cívica, de envolvimento com essas comunidades. Precisamos de redes para recorrer, amigos para confiar, cidadãos para defender. Nos termos do cientista político Robert Putnam, de Harvard, precisamos do capital social para funcionar adequadamente como indivíduos: precisamos de confiança, normas compartilhadas, virtude cívica.

Então, o que constrói comunidades? Uma visão compartilhada de seu propósito moral.²⁴ Como Aristóteles, os Fundadores acreditavam em organizações sociais que promoviam a virtude: um país sem esses laços sociais não sobreviveria em liberdade. Eles também concordaram que a tradição judaico-cristã tinha que fornecer uma base de valores sólidos para indivíduos que vivem em uma comunidade livre: como John Adams declarou em uma carta à guarda nacional de Massachusetts: “Não temos governo armado com poder capaz de competir com as paixões humanas desenfreadas por [...] moralidade e religião. Avareza, ambição, vingança ou valentia quebraria os elos mais fortes de nossa Constituição como uma baleia passando por uma rede. Nossa Constituição foi criada para pessoas morais e religiosas. Ela é totalmente inadequada para qualquer outro tipo de governo.”²⁵

Os melhores países — e as melhores sociedades — são aqueles em que os cidadãos são virtuosos o suficiente para se sacrificarem pelo bem comum, mas não estão dispostos a serem *forçados* a se sacrificar em prol de um suposto bem “maior”. As sociedades prósperas demandam um tecido social funcional, criado pelo trabalho colaborativo dos cidadãos — e, claro, isolado também — rumo a uma vida significativa.

A NECESSIDADE DA PREDISPOSIÇÃO COLETIVA

A busca individual e coletiva por objetivos virtuosos só se efetiva quando instituições sociais representativas prosperam — como igrejas, sinagogas, clubes sociais e organizações de caridade —, e quando o governo é suficientemente forte para se proteger da anarquia e contido para controlar a tendência à tirania. Este é um equilíbrio delicado. Precisamos que as instituições sociais nos forneçam a segurança para assumir riscos, que nos ajudem a recuperarmo-nos quando caímos; também precisamos de estruturas governamentais que nos deixem livres para assumi-los. Precisamos de organizações sociais que promovam a virtude cívica para instilar a individual; precisamos que o governo proteja o direito de escolha dos indivíduos. A sociedade não é o governo; o governo não é a sociedade. É fácil perturbar esse equilíbrio. Tendemos ao tribalismo e à lealdade a grupos; paramos de nos preocupar com nosso aprimoramento pessoal e passamos a reformular e a remodelar a sociedade em volta, usando o poder do coletivo para esmagar os indivíduos. Nós quebramos ovos para fazer omeletes, como o braço direito de Stalin, Lazar Kaganovich (um ovo que, depois, Stalin quebraria), disse à *Time* em 1932.

No passado, associamos o potencial do coletivo a um governo poderoso. Afinal, os grandes governos fazem coisas grandiosas. Em 2012, a Convenção Nacional Democrata apresentou um vídeo com o slogan: “O governo é a única coisa a que todos nós pertencemos.” Esse tipo de crença tem caracterizado tiranias em todo o mundo: a noção utópica de que se todos remarmos na mesma direção, comandados por um governo centralizado, faremos maravilhas juntos.

Esse caminho é temerário. É tentador usar nossa sede por mobilização coletiva como um clube pró-Estado para *forçar* virtudes individuais ou

transformações em larga escala. A tirania raramente começa nas botas de cano alto; geralmente começa nos desejos inflamados por um futuro melhor, combinados à fé inabalável no poder do coletivo.

Por outro lado, descartamos completamente o valor da predisposição coletiva. Adoramos o individualismo radical em um altar, presumindo que os padrões do coletivo castram a criatividade e destroem a individualidade. A voz dos puritanos repressores da cidade pequena, que impedem Kevin Bacon de dançar com a amada, ainda é endossada por muitos norte-americanos. Segundo essa perspectiva, a satisfação é encontrada olhando-se para dentro, ignorando o que sua comunidade exige de você.

Então, como é a predisposição coletiva positiva? É um sistema governamental que se mobiliza para impedir as ameaças externas, mas sem castrar, com isso, as individuais; é um tecido social poderoso o suficiente para apoiar os membros da comunidade, firme o suficiente para evitar as armadilhas da compulsão governamental. Poucos governos na história da humanidade atingiram esse equilíbrio.

A predisposição coletiva deve, de algum modo, dar espaço para que busquemos nossos propósitos morais individuais e exercitemos nossa predisposição individual, ao mesmo tempo em que nos proporciona os meios para trabalhar em conjunto em prol dos objetivos morais coletivos.

Por fim, a predisposição coletiva precisa de dois fatores: comunidades sociais ativas que promovam a virtude e um estado não restritivo o suficiente para dar margem à livre escolha.

OS INGREDIENTES DA FELICIDADE

A felicidade, então, abarca quatro elementos: o propósito moral individual e o coletivo, e a predisposição individual e a coletiva. Se nos falta um deles, a procura da felicidade fica impossível; se essa busca é cerceada, a sociedade se desfaz.

Nossa sociedade foi erguida sobre esses quatro elementos. A fusão de Atenas e Jerusalém, equilibrada pela sagacidade e sabedoria dos Pais Fundadores, levou à criação de uma civilização de liberdade inigualável, e repleta de homens e mulheres virtuosos que se esforçam para se aprimorar e à sociedade ao redor.

Entretanto, estamos perdendo essa civilização. Estamos perdendo-a porque passamos gerações solapando as duas fontes mais profundas de nossa felicidade — as que estão por trás do propósito moral individual e do coletivo, e da predisposição individual e da coletiva. Essas duas fontes são razão e sentido Divinos. Não há propósito moral individual nem coletivo sem uma base de significado Divino; não há predisposição individual nem coletiva sem uma crença substancial e perene na essência de nossa razão.

A história do Ocidente se estrutura na interação desses dois pilares: razão e sentido Divinos. Adquirimos essa noção de sentido Divino de uma linhagem de três milênios que remonta aos antigos judeus; a de razão, de uma linhagem de 2,5 mil anos que remonta aos antigos gregos. Ao rejeitar essas linhagens — ao tentarmos nos encaixar em movimentos filosóficos superficiais, da moda, afastando-nos de nossas raízes — condenamo-nos a uma existência errática.

Devemos voltar às nossas raízes. Elas tomaram conta do Sinai.

Cap. de Amostra